

**O corpo-sujeito enquanto escopo do olhar desejante e crítico na sociedade pós-moderna: performances exploradas a partir da série “Boca a Boca”**

*The subject-body as a scope of the desiring and critical gaze in postmodern society: performances explored from the series “Boca a Boca”*

Maria Fernanda Monteiro CAVALCANTE<sup>1</sup>  
Rodrigo OLIVA<sup>2</sup>

**Resumo**

Este artigo discute o conceito de corpo-sujeito sob o olhar para a performance e representação do corpo, a partir de uma leitura e análise da série brasileira "Boca a boca". Evidencia-se estudos que abordam as caracterizações psicológicas de personagens, bem como apresenta aspectos das relações virtualizadas que sistematizam formas de sociabilidade e configurações subjetivas nos cenários da pós-modernidade. Traduz conceitos como mobilidade e liquidez, presentes nos estudos de Byung-Chul Han e Zygmunt Bauman. O olhar desejante é sintetizado a partir dos estudos de Laura Mulvey, tendo como foco a análise comportamental do personagem Chico e seus desdobramentos nas configurações que colocam o corpo como elemento essencial do processo de subjetivação e de representação.

**Palavras-chave:** Corpo. Representação. Virtualidade. Subjetividade. Pós-modernidade.

**Abstract**

This article discusses the concept of body-subject from a perspective of the performance and representation of the body, based on a reading and analysis of the Brazilian series "Boca a boca". The studies that approach the characters as psychological characterizations are highlighted, as well as presenting aspects of the virtualized relationships that systematize sociability and configurations in the scenarios of postmodern subjectivity. It translates concepts such as mobility and liquidity, presented in the studies of Byung-Chul Han and Zygmunt Bauman. The desired look is made from the studies of Laura Mulvey, focusing on the behavioral analysis of the character Chico and its consequences in the configurations that place the body as an essential element in the process of subjectivation and representation.

**Keywords:** Body. Representation. Virtuality. Subjectivity. Post-modernity.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Psicologia e de Licenciatura em Psicologia da Universidade Paranaense. E-mail: maria.monteiro@edu.unipar.br

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná. Professor da Universidade Paranaense. E-mail: rodrigooliva@prof.unipar.br

## Introdução

Este trabalho apresenta a transdisciplinaridade entre psicologia, comunicação e artes, visando demonstrar os atravessamentos do corpo, através da análise de caracterização de personagem. Para isso, o objeto da pesquisa se atém a um estudo da série brasileira Boca a boca, de 2020, que discute uma sociedade distópica a partir do enfrentamento de uma epidemia por jovens que, inesperadamente, enfrentam uma série de conflitos que perpassam por suas formas de existência.

Com metodologia de análise, a partir da representação e potência dos discursos que envolvem o corpo, busca-se compreender a caracterização da personagem Chico e como sua persona revela uma série de lugares onde se situam as influências do comportamento, cercadas pelo uso de dispositivos móveis que criam vivências líquidas e fluidas.

Assim, é possível visualizar como os sujeitos contemporâneos se relacionam e criam afetos que perpassam por estruturas arquetípicas, conduzindo-nos a pensar potencialidades da representação do corpo em meio a espaços de negação de aspectos concretos da existência, transferindo para experiências em ondas virtuais. Este caráter distópico que se coloca de forma alegórica nos permite fluir com os espaços das mídias e das interações humanas e psico-afetivas.

## Caracterização da personagem

Considera-se fundamental a caracterização da personagem Chico, da série Boca a boca, visto que esta ilustra dinâmica e precisamente os assuntos aqui tratados. Justificando tal relevância, Brait (1985) afirma que a criação de personagens foi uma forma que o homem encontrou de reproduzir e simular a realidade, utilizando recursos linguísticos para criar uma realidade ficcional e personagens espelhando seres humanos.

Campos, Wolf e Vieira (2014) apontam a personagem como aspecto principal em textos e animações, pois esta captura e cativa o olhar do espectador pelo processo minucioso de caracterização de gestos, roupas, linguagem, cores, formas, texturas, sons, e de todo um perfil psicológico representado. Assim, a escolha da personagem Chico como enfoque foi feita a partir de seu estudo na série, onde observou-se suas

características marcantes de personalidade, sexualidade, expressão e resistência. Chico se destacou por seu modo de subjetivação equiparado aos do contexto pós-moderno.

A personagem se apresenta como redonda, possuindo complexidade ampla e dinamização. Conforme Brait (1985), personagens redondas são mais enredadas e heterogêneas, surpreendendo o espectador por apresentarem várias tendências, ganhando visibilidade através de seus traços peculiares e plurais. Com singularidade marcante e multifacetada, Chico seduz olhares do público por ser tão passível do processo de identificação, colocado por Campos, Wolf e Vieira (2014) como possibilidade do espectador se inserir na história como parte dela, sentindo em conjunto com a personagem, reagindo às cenas e tendo sua empatia despertada.

Chico é uma personagem do sexo masculino, forasteiro à cidade de Progresso, e com uma cultura e subjetividade diversa da dos outros jovens da cidade. É um adolescente que poderia ser considerado rebelde aos parâmetros de comportamento estabelecidos em Progresso, por estar sempre atrasado para as aulas, por fazer uso de maconha, por sua sexualidade, e por ser questionador em relação à diretora da escola, Guiomar. Fisicamente, é branco de olhos azuis, magro e com altura semelhante à de outras personagens de sua idade. Possui unhas pintadas de preto e anéis também pretos que usa (fora da escola) no polegar, no dedo médio e no anelar. Enquanto os outros alunos deixam um dos botões do uniforme aberto, ele deixa dois. Seus cabelos são um tanto bagunçados e mais compridos que os dos outros.

### *A personagem enquanto arquétipo*

Jung (*apud* VASCONCELLOS, 2019, p. 20) define arquétipos como “[...] personagens ou energias que se repetem constantemente e que ocorrem nos sonhos de todas as pessoas e nos mitos de todas as culturas”. Vogler (*apud* CAMPOS; WOLF; VIEIRA, 2014) traz sete arquétipos básicos na construção de narrativas: herói, mentor, guardião, arauto, camaleão, sombra e pícaro. Eles nem sempre são utilizados de forma integral, e uma personagem pode ser composta por vários, visando a identificação do público com a personalidade criada.

Entre esses arquétipos o que melhor caracteriza Chico é o camaleão, descrito sob contínuas mudanças de aparência e humor, com natureza enganadora (VASCONCELLOS, 2019). Campos, Wolf e Vieira (2014) trazem tal arquétipo como

característica de personagens que modificam seu estado de espírito constantemente, dificultando o entendimento de suas intenções e identidade. Para Anaz (2020), o camaleão tenta projetar o ideal interior e trazer questionamentos, representando arquétipos de masculino no feminino (*animus*) e de feminino no masculino (*anima*).

Chico modifica sua aparência e seu estado de espírito constantemente, tornando complexa a tarefa de estudá-lo e exigindo perspicácia na compreensão da dinâmica da personagem. Assim, é possível trazer cenas de episódios da série para ilustrar algumas de suas características camaleônicas.

**Cena 1:** (episódio 2) apresenta Maurílio, par romântico de Chico, levando o adolescente para casa em uma caminhonete. No caminho, Chico começa a dançar de forma espontânea, sorridente e envolvido com a música, enquanto encara Maurílio, que põe-se a gargalhar. Chico então coloca a cabeça para fora do vidro aberto e grita, rindo.

**Cena 2:** (episódio 2) mostra Chico em seu quarto, frente à janela, ouvindo músicas, com um baseado de maconha em mãos e o ventilador ligado, expulsando a fumaça para fora. Seu pai bate na porta, a personagem se exaspera, apaga o baseado, escondendo-o e espantando a fumaça, e abre a porta. O pai pede para que ele abaixe o volume e o adverte sobre a necessidade de deixar a porta aberta. Também sente o cheiro da maconha e inicia uma discussão com o filho.

**Cena 3:** (episódio 3) Kim, irmão de Chico, quebra um copo e a personagem lhe diz que está tudo bem e que não tem problema, recolhendo os cacos do chão. Logo após, cozinha ovos mexidos para o irmão, enquanto conversam afetuosamente.

**Cena 4:** (episódio 4) Chico vai à uma festa na aldeia, onde compra uma droga cujo nome não é dito, e passa a ter efeitos alucinógenos. Ele então segue uma senhora, que pinta seus cabelos de azul e lhe faz uma maquiagem. A personagem tira sua camiseta, ainda sob efeito da droga, e começa a dançar.

Trazendo as diferenças de cada cena, na primeira, Chico aparece como um ser livre (liberdade enquanto sensação). No mesmo episódio, um lado mais melancólico e solitário é exposto, bem como sua “rebeldia” e dependência do pai, que o impedia de ser a “alma livre” que fora com Maurílio. Na terceira cena, um aspecto atencioso e carismático é mostrado, na sutileza de seus gestos e de seu cuidado com o irmão. Por fim, a quarta cena traz as mudanças na aparência da personagem, que de certa forma, exploram sua subjetividade, como se a expandissem de dentro para fora.

A descrição dessas cenas evidencia as nuances da personagem, que se modifica de relação para relação. Chico parece se adaptar a cada contexto de forma autêntica, emitindo aspectos subjetivos que envolvem o espectador. A personagem causa curiosidade por sua composição intensa e multifacetada, que a torna imprevisível e mutante, surpreendendo e compelindo quem assiste a permanecer atento. Desse modo, justifica-se o arquétipo de camaleão.

### **Relações virtualizadas**

No contemporâneo, desenvolveu-se a Sociedade em Rede, definida por Castells (*apud* ROSA; SANTOS, 2015) como uma espécie de migração das comunidades para as redes sociais, ambiente de interações que propõe a manutenção de relacionamentos da esfera real e produção de outros na esfera virtual. Através da internet, é possível a expressão, comunicação e manifestação da sexualidade de formas diversas. Nesse modo interacional, pode-se externalizar ou mascarar aspectos subjetivos, criando novas identidades e acrescentando-lhes características almeçadas, permitindo a sensação de aceitação. Em contrapartida, também há um voyeurismo relacionado à observação de postagens e interações de outros usuários (ROSA; SANTOS, 2015).

Han (2018) denomina esta sociedade como sociedade do escândalo, pela diluição entre público e privado, permitindo expor a intimidade de uma forma, segundo ele, pornográfica, objetificando a subjetividade difundida nesse espaço de mistura, quebra de barreiras e de distâncias espaciais e mentais. Da comunicação anônima emerge a cultura da indiscrição, da descarga de afetos (não necessariamente bons ou ruins). A mídia digital causa cisão entre emissor, mensagem e receptor, possibilitando uma descarga comunicativa que pode ter efeitos nocivos, como a *Shitstorm*, ou barulho comunicativo, sequelas destrutivas da comunicação instantânea e sem mediação, que coloca os sujeitos em posição de produtores e consumidores de informações de forma ativa (HAN, 2018).

Na sociedade pós-moderna evidencia-se o excesso de informações, de celebridades instantâneas, de necessidade de supressão da falta, de uma felicidade duradoura, do preenchimento do vazio existencial (COLOMBO, 2015). Essa busca incessante por prazer e completude é usada como apelo para o consumo que, para Han (2018), se adaptou às plataformas virtuais. Ele se dá, neste ambiente, pela autoexploração, pois ao mesmo tempo em que o indivíduo consome, também é produtor ativo e

individualista que já não compõe uma massa de contrapoder, mas um enxame desconexo de subjetividades que reivindicam pela satisfação de desejos individuais e efêmeros.

Essas características subjetivas dos sujeitos pós-modernos podem ser visualizadas na personagem Chico, que se constitui de forma que explana a quebra do paradigma moderno e ascensão do sujeito diluído, tal como o próprio arquétipo camaleão propõe. Essa subjetividade dinâmica, mutante, que traz questionamentos quanto a sua real forma, é expressa no contemporâneo, onde relações e identidades estão em constante metamorfose, influenciadas pelas mídias digitais. Representando o sujeito contemporâneo, Chico tem sua vida privada exposta e invadida, tal como vislumbrado abaixo:

**Cena 5:** (episódio 2) mostra Chico, Alex e Fran frente ao computador, montando um “mapa do beijo”, estrutura criada através de uma plataforma virtual, que permitia a realização de um mapa que conectava as pessoas que haviam se beijado na primeira festa da seita apresentada na série. Neste, Chico foi interligado a mais três personagens: Fran, Bel e Guilherme.

**Cena 6:** é a mesma cena, mas observada de forma diferente. Para construir o “mapa do beijo”, Alex busca por imagens das pessoas que seriam adicionadas a ele, fazendo uso de suas redes sociais. Ele então acessa uma das redes sociais de Chico, e desliza por seu perfil, observando as fotos e legendas da personagem. Alex então afirma: “Ai, como você é hippie, Chico”.

**Cena 7:** (episódio 3) Fran envia o “mapa do beijo” para Manu, uma personagem que até ali, só se relacionava com as outras por plataformas virtuais. Manu compartilha o mapa com todos os alunos da escola de Progresso, acarretando em um grande caos e medo no ambiente escolar, visto que um vírus espalhado através do beijo estava se manifestando nos jovens da cidade.

As três cenas demonstram a liquefação entre esfera pública e privada presente na pós-modernidade, apresentando a exposição dos corpos e da sexualidade, fatores antes destinados ao âmbito privado e agora difundidos, transformando aspectos íntimos em um espetáculo a ser apreciado, julgado e criticado por outras pessoas.

A invasão da privacidade nas redes sociais é muito frequente, e de certa forma, incontrolável. Com a criação do “mapa do beijo”, os indivíduos adicionados já estavam sujeitos à exposição sem consentimento, o que geraria impactos imprevisíveis, pois quando algo se torna público, também se faz passível do olhar e dos comentários do outro,

que podem agradar ou ferir as pessoas expostas de forma consentida ou não. Assim, é possível chegar a uma outra perspectiva: em um ambiente onde público e privado se diluem, como se dá a expressão e a manutenção da sexualidade?

### *A sexualidade no contexto da modernidade líquida ou pós-modernidade*

O importante teórico Bauman (2008) traz o pós-moderno como constituinte da sociedade contemporânea, caracterizada pela falta de valor à durabilidade, ideia de viver o imediato e depreciação do que excede a existência individual. Para ele, os vínculos são muito frágeis na pós-modernidade, pois se dão e se desfazem facilmente, podendo assumir múltiplos termos e reatamentos sem muitas consequências. Há uma tranquilidade em estabelecer novos vínculos, pois junto com o rompimento surgem esforços para a construção de novas relações. Mas para construir laços com pessoas novas, a modernidade líquida escorre pelas plataformas do virtual admitindo performances que colocam o corpo como produto, produtor e consumidor.

Schechner (*apud* PIGATTI, 2020), define performance como um revelar-se, mostrar-se desempenhando um movimento destinado ao olhar do outro. Assim, o corpo protagoniza, agindo como produtor, ao mesmo tempo em que consome os olhares a ele lançados e performances de outros corpos. Para Silveira e Rosário (2021), a pós-modernidade traz a produção incessante de serviços e desejos, criando mundos-imagem arquitetados precisamente para serem consumidos por corpos que se enquadram como produtores e consumidores de padrões de existência. Considerando este aporte, é possível chegar à temática que permeia o ambiente virtual com tanta veemência: a sexualidade. Para isso, é relevante iniciar tal abordagem com algumas cenas da série Boca a boca:

**Cena 8:** (episódio 3) Maurílio, parceiro romântico de Chico, envia-lhe uma foto de calça jeans, com uma mão nas partes íntimas e a outra puxando a cueca levemente para baixo. Para o envio, utiliza um aplicativo de relacionamentos, usando o nickname “pauzudo”. Após a foto, a personagem envia uma mensagem dizendo “firmeza?”.

**Cena 9:** (episódio 1) Chico aparece fazendo um treino com halteres em casa, frente ao espelho e olhando seu corpo no reflexo. Logo após, ele recebe a foto citada na cena anterior e a mensagem, e põe-se a cortar seus pêlos pubianos com a tesoura.

**Cena 10:** aparece como flashback no episódio 3. Chico envia uma foto para Maurílio, completamente nu, cobrindo suas genitálias com uma mão. Suas unhas se encontram pintadas de preto. Leves marcas corporais das roupas íntimas se destacam.

**Cena 11:** (episódio 1) Chico aparece mexendo no celular, conectado ao aplicativo de relacionamentos já citado. Ao deslizar a tela com os dedos, fotos de corpos vão aparecendo, entre elas abdomens e peitorais. Os nicknames para cada usuário variam, contendo preferências, nomes relacionados a partes do corpo e à sexualidade. Entre os visíveis estão: “casado”, “casal ativo”, “linguador”, “afim real”, “pentelhudo”, “transex”, “puto”, “maduro”, “discreto” e “Eduardo”.

Os recortes visualizados acima demonstram com maestria algumas das inúmeras facetas da expressão da sexualidade proporcionadas pela ascensão do ambiente virtual: a troca de nudes, o uso de aplicativos de relacionamento e o voyeurismo. Mas em que implica cada uma dessas performances?

### *A troca de nudes como manifestação do desejo*

O sexo virtual apresenta a potência do vir a ser que não se concretiza como ato (SILVA, 2014). Assim, o erotismo no virtual se presentifica através de práticas verbais e visuais, levando o consumidor à excitação sexual. O virtual é um ambiente disponível para a expressão da sexualidade, de fantasias e desejos (anônimos ou não). Um lugar que permite assumir máscaras e identidades diversas (SILVA, 2014), possibilitando descascar camadas de timidez e mostrar aspectos escondidos/reprimidos, sob a proteção de uma tela e do anonimato.

Para Pigatti (2020), a sensação aparente de segurança do ambiente virtual se dá pela não exposição imediata do usuário, que se esconde atrás da tela como se esta fosse protegê-lo das repercussões de suas ações. O envio de nudes segue essa mesma linha de raciocínio. Ao se sentir protegido e seguro, o sujeito vê no ambiente virtual a possibilidade de expressar sua sexualidade, podendo usar capturas corporais como carta de apresentação, tal como na cena 11 da série. Outras possibilidades são exposição para criação de vínculos (cenas 8, 9 e 10), estímulo próprio, validação da existência pela produção de desejo no outro, e forma de comparação (PIGATTI, 2020).

Mas nudes não são fotos aleatórias, envolvem todo um ritual de preparação. Os corpos que se mostram, apesar de “amadores”, são cuidadosamente tratados com

*photoshop*, filtros, ângulos, cirurgias e exercícios físicos. Neste sentido, Menezes (2008) compara a pós-modernidade ao nazismo afirmando que esta prega o alcance do corpo belo, bem tratado, saudável, feliz e atraente, sendo isto o que os “corpos do cotidiano” muitas vezes tentam alcançar e imitar em suas performances.

Para Corrêa (2016), embora muitos usuários possuam insegurança na exposição de si, e medo de perder a privacidade/segurança nas redes sociais, ainda assim compartilham suas performances com o que acreditam ser a imagem mais aperfeiçoada de seus corpos, buscando atrair algum usuário para sexo virtual, ou encontro presencial. Assim, através de *sexting*<sup>3</sup>, estes se estimulam sexualmente com mediação do ambiente virtual, em conversas, fotos e vídeos (CORRÊA, 2016).

O prazer do corpo “nude”, depende do reconhecimento do outro, daquele que sente desejo, atração, curiosidade ou mesmo inveja pelo corpo exposto. Os corpos “nudes” são avatares possíveis, visualidades fetichistas do imaginário. O “nude” é uma visualidade fetichista de si, representado por uma performance imagética que chega ao outro, ao observador, que atinge os sentidos daquele que o vê pelo prisma comunicacional das imagens (BIANCHI, 2016, p. 4).

Discorrendo sobre o receptor da imagem nua, Silva (2014) aponta que este, inserido na sociedade capitalista de culto ao belo e saudável, observa o corpo na tela, buscando encontrar naquele possível parceiro o padrão de beleza vigente, e, se não o identifica, reinicia a procura do corpo desejável.

Diante disso, é válido resgatar as cenas 8, 9, 10 e 11 (do item 2.1) para discutir sobre a forma como Chico e Maurílio usaram o ambiente virtual para expressão do desejo, e o intento de ambos em estar próximos do padrão de beleza socialmente estabelecido, visto que as fotos que Chico enviou para Maurílio, por exemplo, carregam muitos cuidados com o corpo, que se demonstram através das práticas de exercícios físicos da personagem, de seu gesto cortando os pelos pubianos antes das fotos, e de suas unhas pintadas.

---

<sup>3</sup> O *sexting*, de acordo com Pigatti (2020), provém da junção das palavras sex, que significa sexo e texting, que remete ao envio de mensagens. Desse modo, *sexting* seria o envio de mensagens sensuais para outros indivíduos.

### *O uso de aplicativos de relacionamento e a liquidez dos vínculos*

Resgatando Brait (1985) e a ideia de criação de personagens para representar o real, há uma comparação dessas produções com a fotografia, pois esta também tenta reproduzir e simular a realidade, capturando cenas montadas, com máscaras e ilusões do real, ou buscando fotografar algo da forma exata como é visto/percebido. Assim são as redes sociais, onde os sujeitos ora mascaram sua realidade, mostrando apenas recortes do cotidiano “maquiado”; ora tentam demonstrá-la da forma mais realista possível.

Han (2018) aponta que o capitalismo na sociedade pós-moderna utiliza a emoção focalizada para o consumo. As propagandas não apresentam apenas produtos, mas emoções retratadas na colocação do espírito aventureiro vendido junto com um carro, na promessa de elegância de uma roupa, na sensação de acolhimento das propagandas de alimentos com suas imagens de famílias em refeições. O sujeito consome não pelo produto, mas pela emoção que este supostamente irá proporcionar.

Para Pigatti (2020), na sociedade do espetáculo uma existência só se concretiza ao receber o olhar do outro, ou seja, ao se expor. A exposição atrai olhares que repercutem de forma agradável ou não a quem se expôs. Seu intuito é ser consumido e desejado pelo outro e para isso, é possível mascarar sua realidade, seu corpo, sua identidade, em busca de aprovação, ou simplesmente tentar mostrar sua real face, seu cotidiano limpo de filtros, por assim dizer. Isto reafirma a visão de Han, pois os indivíduos transformam a si mesmos em produtos, almejando que alguém os consuma.

Todavia, não só bens materiais são vendidos com artifício da emoção. Sites e aplicativos de relacionamento são prova disso. Corrêa (2016, p. 2) utiliza o conceito “cardápio de gente” para descrever tais plataformas, trazendo que imagens (principalmente nudes) são decisivas na escolha um(a) companheiro(a) para relações sexuais, namoro ou flerte. As imagens são enviadas para provocar emoções no receptor e obter um retorno, que pode vir como elogio ou outra imagem/nudes. Assim, a autora argumenta que após a compatibilidade neste primeiro contato, os sujeitos tendem a se deslocar para aplicativos de mensagens instantâneas, onde incitam um ao outro por *sexting*. Para explorar outra face do assunto, duas cenas da série Boca a Boca serão descritas:

**Cena 12:** (episódio 4) Chico se encontra com Maurílio no meio do mato. Maurílio diz “Eu pensei que fosse outra pessoa” e Chico responde “Tanto faz. Se um perfil falso

fez a gente tá aqui agora, é o que a gente tem. Eu também tava com medo, Maurílio, confuso. Mas eu percebi que a gente é livre, não tá fazendo mal pra ninguém”. O homem então responde que “não dá”, e Chico pergunta o porquê. Um silêncio se instaura, Maurílio com uma garrafa de bebida em mãos. Chico tira as roupas e os dois se beijam. Maurílio também tira suas vestes. “Tá tudo bem?”, indaga o adolescente. “Tá, tá tudo bem”, o homem responde. “É minha primeira vez assim”, Chico afirma.

**Cena 13:** (episódio 6) Um vídeo de Chico tendo relações sexuais com Maurílio é difundido nas redes sociais e chega até o pai do adolescente. Quando Chico chega em casa, seu pai o espera com o celular em mãos: “Você? Esse aí é você? Eu só quero a resposta. Me fala!”, ele segura o filho pelo pescoço. “Me fala. É você? É você?”. O rapaz se solta. “Volta aqui, Chico. Volta! Eu falei com você, Chico. Chico! Por que é que você fez isso? Por quê?”. Chico responde: “Porque eu quis. Porque me deu vontade. Porque eu gosto desse cara, pai”. O homem se vira com o punho cerrado e soca o espelho, que se estilhaça, machucando-lhe a mão. “Machucou, pai?”, o rapaz tenta tocá-lo. “Sai, sai de perto. Você merece essa doença”.

Para Pigatti (2020), um dos pontos negativos da expressão da sexualidade nas plataformas virtuais é quando pessoas difundem conteúdos sexuais de outras sem consentimento, podendo acarretar julgamento e humilhação destas por familiares e amigos; arrependimento, medo e culpa; culpabilização social da pessoa exposta; depressão, ansiedade, angústia e suicídio.

A diluição entre público e privado traz à tona muitas questões, pois ao mesmo tempo em que os sujeitos podem se sentir mais livres e protegidos para mostrar seus corpos e subjetividades, também são sufocados pelo risco de que essas manifestações sejam expostas, trazendo consequências de proporções imprevisíveis. As fronteiras entre liberdade e segurança se tornam cada vez maiores.

Bauman (*apud* SILVA, 2014), faz uma crítica aos relacionamentos da “modernidade líquida”, apontando que ao investir em uma pessoa/relação, o que se espera é segurança e lealdade. Para ele, não há valor em jurar lealdade a quem acabou de conhecer, e as relações em plataformas virtuais são baseadas na ideia de satisfação instantânea do desejo.

Isso demonstra a liquidez das relações virtuais, caracterizadas pela intensa velocidade de formação e diluição, elegendo uma rotatividade do foco de atração, onde todo o desejo é direcionado a alguém específico e depois se dilui em busca de outro foco

temporariamente mais atraente. Não se vai a fundo com uma pessoa, evita-se o desgaste do conflito com o outro, e ao primeiro sinal deste, os laços são rompidos e torna-se a buscar outro âmago para o desejo, esperando satisfação imediata. As possibilidades amorosas surgem e se extinguem de forma rápida e constante à medida em que os indivíduos continuam sua busca por uma relação mais satisfatória e completa que a anterior (BAUMAN *apud* SILVA, 2014).

Um fator que contribui para essa rotatividade obstinada é o de que com o auxílio do escudo de uma tela, o sujeito pode ser o que quiser, mentir ou omitir características pessoais, assumir identidades diferentes e manipular outros usuários das redes. Assim, conhecer verdadeiramente alguém nesse ambiente se torna uma tarefa muito difícil. Silva (2009) conclui que nas relações virtuais há uma grande chance de encontrar perfis recheados de mentiras, ludibriando aspectos físicos, financeiros e identitários.

### *Voyeurismo e novas formas de produção do eu*

Freud (*apud* MULVEY, 1983), traz a escopofilia (voyeurismo) associada ao apreender de outros sujeitos enquanto objetos, capturando-os com olhar contínuo, curioso e regulador. Mulvey (1983) afirma que esse olhar é prazeroso para o observador, e que o sujeito observado também pode sentir prazer na captura. Essa visão de um outro objetificado pelo olhar também é explorada pelo cinema, onde os espectadores são levados, através da presença da tela, à ilusão de uma contemplação em segredo, preenchendo a necessidade de prazer visual.

Para Galery (2004), o sujeito é responsável por dar sentido às performances desenvolvidas perante seu olhar, e no momento de captura do outro, manifesta-se a ilusão de ver sem ser percebido, do prazeroso observar em segredo, já que o observador não parece notar a presença discreta da câmera. A autora se refere às performances cinematográficas, mas cabe aqui transportar esta visão para a perspectiva do voyeurismo no envio de nudes, pois da mesma forma em que no cinema se ignora a presença da câmera, no virtual a tela e a plataforma se camuflam, tornando-se quase imperceptíveis ao indivíduo que toma contato com os nudes.

Conforme Silva (2014), o envio de nudes é uma artimanha para conquistar o interesse do espectador, e uma forma de prazer compartilhado entre usuários, que procuram satisfação imediata no jogo mútuo de sedução. No virtual, o olhar toma

destaque, protagonizando e enfeitando seu objeto de desejo, ainda que não haja toques e afagos. A súbita necessidade de desejar e ser desejado torna o ambiente virtual fonte inesgotável de prazer.

Raimundo (2021), afirma que a internet intensifica o exibicionismo e o voyeurismo, na medida em que os usuários exibem imagens e vídeos de suas vidas pessoais, despertando a curiosidade de outros pelo íntimo alheio. O autor alega que tanto o exibicionismo (necessidade de se exibir) quanto o voyeurismo (prazer em observar o íntimo de outro) se interligam e possuem traços narcisistas, tendo como finalidade oculta o olhar destinado a si mesmo.

O narcisismo contemporâneo tem gênese no desejo de aprovação do outro, acarretando na supervalorização do eu. Prova disso são as *selfies*, que instigam o sujeito a mostrar-se e a esperar pelo olhar alheio, pelo prazer de ver e ser visto, reconhecido por um observador externo, legitimado como objeto de desejo e de satisfação visual (RAIMUNDO, 2021).

Mallmann (2016), pontua que tanto no exibicionismo quanto no voyeurismo o olhar compõe uma zona erógena, equivalendo ao toque. Freud (*apud* MALLMANN, 2016) enuncia que o *voyeur* é também, inconscientemente exibicionista e vice-versa. Desse modo, ambos estão juntos no sujeito, ainda que um sempre prepondere outro.

É possível retomar então a ideia dos nudes e das expressões da sexualidade mediadas pela internet, enquanto expressões tanto voyeuristas quanto exibicionistas, visto que Pigatti (2020) deixa claro que o *sexting* é um processo de troca. Assim, o *voyeur*, ao enviar imagens, vídeos ou textos sugestivos em retorno a seu objeto de desejo, também se faz exibicionista e o mesmo se dá na situação inversa.

### Considerações finais

Portanto, as representações do corpo potencializam formas de compreender as questões emergentes que cercam nossa existência no mundo. Vimos que o corpo de Chico evoca configurações relacionando aspectos sociais, psicológicos e comunicacionais. Nesse sentido, a série apresenta um cenário distópico, tendo como substrato a era da mobilidade e a comunicação participativa que deflagram a atuação de jovens nos cenários escolares e de interações sociais. Por isso, traçou-se um estudo sobre a caracterização da personagem Chico, seus espaços de atuação, desejos e questões que permeiam o

narcisismo e individualismo contemporâneos. As relações virtuais e a corporeidade como atravessamentos subjetivos a partir da mediação de dispositivos móveis nos oferecem compreensões de como as relações afetivas traduzem afetos no contemporâneo.

Vivemos a era virtual e os caminhos que atravessam o eu digital são apresentados na série como um lugar para compreender as manifestações do desejo. Neste cenário, as trocas simbólicas virtuais que colocam o corpo desejante como núcleo principal, operam elementos para a compreensão do desejo e do corpo como formas de representação performáticas.

## Referências

ANAZ, S. A. L. Teoria dos arquétipos e construção de personagens em filmes e séries. **Significação**, São Paulo, v. 47, p. 251-270, jul/dez. 2020.

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BIANCHI, E. “Manda nudes?!”: comunicação imagética dos corpos nus. *In: XXXIX CONGRESSO INTERCOM*, 2016. Rio de Janeiro. **Anais...**, São Paulo: Intercom, 2016, 14 p.

**BOCA a boca**. Direção: Esmir Filho; Juliana Rojas. Produção: Fetiche Features; Gullane Entretenimento. Produtores: Caio Gullane; Fabiano Gullane; Fernando Sapelli; Thereza Menezes, 2020. Disponível em: Plataforma Netflix.

BRAIT, B. **A personagem**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1985.

CAMPOS, J. V; WOLF, P. H; VIEIRA, M. L. H. O design para o desenvolvimento de personagens: a psicologia arquetípica como ferramenta de criação de concepção de personagens para uma série animada. **Projética**, Londrina, v. 5, n.1, p. 09-24, 2014.

COLOMBO, M. Modernidade: a construção do sujeito contemporâneo e a sociedade de consumo. **Revista Brasileira de Psicodrama**, Marília, v. 20. n. 1, p. 25-39, mai. 2015.

CORRÊA, R. C. M. Selfies e Nudes: Novas Práticas Afetivo-sexuais na Contemporaneidade Digital. *In: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 2016, São Paulo. **Anais...**, São Paulo: Intercom, 2016, p. 1-15.

GALERY, M. C. V. Considerações em torno do espectador, do olhar e da representação do feminino. **Fragmentos**, Florianópolis, n.26, p. 053 - 060, 2004.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica** - o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. 1 ed. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

MALLMANN, C. J. Escopofilia: De que se alimenta o mundo virtual? **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 46, p. 45-54, 2016.

MENEZES, L. C. Sexualidade e pós-modernidade. **Psicanálise e Cultura**, São Paulo, v. 31, n. 47, p. 44-47, 2008.

MULVEY, L. Prazer visual e cinema narrativo. Trad. João Luiz Vieira. In: Xavier, I. A **experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 437-454, 1983.

PIGATTI, F. **Consumo de nudes como expressão da sexualidade**: uma revisão sobre o consumo de conteúdo imagético íntimo na contemporaneidade. São Paulo, 2020. 53 p. Monografia (Pós-Graduação-Especialização, para obtenção do título de especialista em “Cultura Material e Consumo: perspectivas semiopsicanalíticas”) - Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo.

RAIMUNDO, A. T. **Entre o exibicionismo e o voyeurismo na era digital**: a necessidade de ver e ser visto. Orientadora: Maria Thereza Nobrega Pereira Teixeira. 2021. 15 p. TCC (Graduação) - Psicologia, Repositório Alfaunipac, Faculdade Presidente Antônio Carlos, Teófilo Otoni, 2021. Disponível em: <[https://repositorio.alfaunipac.com.br/publicacoes/2021/588\\_entre\\_o\\_exibicionismo\\_e\\_voyeurismo\\_na\\_era\\_digital\\_a\\_necessidade\\_de\\_ver.pdf](https://repositorio.alfaunipac.com.br/publicacoes/2021/588_entre_o_exibicionismo_e_voyeurismo_na_era_digital_a_necessidade_de_ver.pdf)>. Acesso em: 26 fev. 2022.

ROSA, G. A. M; SANTOS, B. R. Repercussões das Redes Sociais na Subjetividade de Usuários: Uma Revisão Crítica da Literatura. **Temas em Psicologia**, Brasília, v. 23, n. 4, p. 913-927, 2015.

SILVA, R. D. Sexualidade e modernidade: uma reflexão sobre os relacionamentos instantâneos na atual conjuntura de um mundo moderno. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 95-100, 2014.

SILVA, V. V. A. O amor em tempos de internet: reflexões sobre a subjetividade e a ausência de corpos nas relações amorosas virtuais. In: XVII Semana de Humanidades, 2009, Rio Grande do Norte. **Anais...**, Rio Grande do Norte: UFRN, 2009, p. 10.

SILVEIRA, F; ROSÁRIO, N. M. (Org). **Corpo, Comunicação e Espaço**: arranjos performativos. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

VASCONCELLOS, G. S. **Harry Potter e os arquétipos dos três irmãos**: uma leitura comparada entre a série e o conto dos três irmãos. Monografia (Graduação em Letras) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 47. 2019.